



SEÇÃO DO CANDIDATO

À

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 5-59

Coordenador: — Cel João Bina Machado

SUMARIO

I — Cavalaria — A Cavalaria no ataque

II — Artilharia — A Artilharia no ataque

A CAVALARIA NO ATAQUE

1 — GENERALIDADES

Na ofensiva, a tática de toda unidade de Cavalaria é baseada na continuação do movimento; a decisão será sempre procurada pela rapidez da manobra e por poderosas ações de surpresa nos pontos fracos do dispositivo inimigo.

Dentro da limitação de seus meios; o combate a pé da Cavalaria é semelhante ao da Infantaria. A doutrina geral é a mesma, mas a sua técnica é um pouco diferente em virtude das particularidades de organização, equipamento e armamento.

O ataque de Cavalaria se caracteriza:

- por uma curta e limitada montagem;
- por uma ação rápida e potente, obtida pelo emprêgo de uma proporção razoavelmente forte de fogos no ponto desejado.

2 — FORMAS DE AÇÃO OFENSIVA

a) *Desbordamento*:

No desbordamento, o ataque principal é dirigido contra o flanco ou retaguarda do dispositivo inicial dos grossos inimigos e orientado na direção de um objetivo situado à retaguarda de suas linhas de frente; procura, neste caso, cercar os elementos inimigos que se encontram na frente do objetivo. Normalmente, é combinado com um ataque secundário frontal.

b) *Envolvimento* :

É a manobra que contorna as principais forças inimigas, indo atingir algum ponto vital situado profundamente à sua retaguarda. A força que realiza o envolvimento atua geralmente tão longe da ação frontal que fica além da distância de apoio mútuo.

c) *Penetração* :

Na penetração, o ataque é executado sobre certa parte da área ocupada pelo grosso inimigo e dirigido contra um objetivo à retaguarda do mesmo. É caracterizada pela ruptura do dispositivo do adversário, pela ocupação do objetivo por operações através da brecha e pelo desbordamento de um ou de ambos os flancos criados pela ruptura.

3 — ATAQUE DESBORDANTE (ENVOLVENTE) OU POR PENETRAÇÃO

A Cavalaria procura obter a decisão aproveitando, ao máximo, todas as oportunidades para manobrar. Manobrar é dispor tropas e fogos em melhores condições que o inimigo.

Não resta a menor dúvida que, de maneira geral, no ataque, o desbordamento (envolvimento) apresenta melhores possibilidades de manobra que a penetração, pois obtém-se melhor resultado e com menor esforço. Assim sendo, a Cavalaria deve tender sempre para a manobra desbordante (envolvente).

Um chefe de Cavalaria ao se defrontar com resistências inimigas vai procurar vencê-las, aproveitando, ao máximo, a aptidão de manobra da arma. Trata-se, para ele, saber se vai realizar um ataque desbordante (envolvente) ou por penetração.

a) *Quando não se deve empregar o ataque desbordante* :

- (1) Quando o desbordamento não conduz ao objetivo.
- (2) Quando o desbordamento, dado o seu afastamento, não permite atingir o objetivo em tempo útil ou a distância a percorrer é muito grande.
- (3) Quando o eixo de desbordamento está muito próximo da posição (sujeito aos seus fogos ou à ação das reservas locais inimigas).
- (4) Quando não existem informações sobre a exequibilidade do desbordamento (terreno e inimigo).

b) *Quando não se deve empregar o ataque por penetração* :

- (1) Quando a posição inimiga é profunda, pois a Cavalaria não é apta a desenvolver esforços sucessivos.
- (2) Quando, pelo desbordamento há certeza de chegar em tempo útil no objetivo, seja pela extensão do percurso, seja por não se ter premência de tempo.
- (3) Quando, não havendo premência de tempo, pode-se verificar a possibilidade de desbordar, antes de realizar a penetração.

c) *Como realizar o ataque desbordante* :

É necessário:

- (1) Conhecer a situação no flanco do inimigo.
- (2) Saber se é possível utilizar o eixo disponível e chegar em tempo ao objetivo.

- (3) Que o eixo fique fora de alcance dos fogos e vistas da posição.
- (4) Estar coberto seja pelo terreno, seja pelos elementos de segurança.

d) *Como realizar o ataque por penetração:*

- (1) Procurando obter a surpresa pela rapidez de desencadeamento e pela escolha judiciosa do local de ataque.
- (2) Concentrando o máximo de meios sobre o ponto que comprometa definitivamente a defesa.

4 — CARACTERÍSTICAS DO ATAQUE DA CAVALARIA

a) A forma normal de ataque da Cavalaria, ou seja, o ataque descentralizado por grupamentos de combate, dispostos individualmente em larga frente, se caracteriza por:

(1) Aproveitamento da mobilidade da arma para empenhar-se, sem perda de tempo, procurando surpreender o adversário, mesmo que a situação não esteja completamente esclarecida;

(2) Pela conseqüente retomada do movimento a cavalo, tão logo o inimigo tenha sido aniquilado, recalçado ou quando fôr alcançado o objetivo desejado;

(3) Atribuição à tropa de frentes amplas (largas) por grupamentos de ataque que combatem separados, porém de maneira conjugada, fazendo convergir o esforço principal sobre os pontos vulneráveis do inimigo: flancos ou retaguarda;

(4) Iniciativa dos chefes subordinados, dentro da idéia de manobra do Cmt da unidade.

b) Existem dois casos típicos de ataque de Cavalaria: ataque normal e ataque revestido de máxima mobilidade.

(1) O ataque normal é levado a efeito pela evolução do dispositivo, desde a coluna de marcha, passando pela situação de desdobramento e de desenvolvimento, até a conseqüente montagem do ataque.

(2) No ataque revestido de máxima mobilidade, o rápido desenvolvimento facilita, a oportunidade de ficar em condições de atacar antes que o inimigo possa fazê-lo. As unidades subordinadas recebem missões e são lançadas na ação, à medida que vão ficando disponíveis.

c) Normalmente, a Cavalaria intervém no início e no fim das operações; assim sendo, as resistências com que depara são sempre mais fracas e menos profundas do que a Infantaria encontra.

d) A Cavalaria entrando em contato com o inimigo mais depressa não pode ter a meticulosidade da Inf na montagem e no desencadeamento das operações, se quiser beneficiar-se dos efeitos da surpresa. De fato, mesmo atuando contra resistências relativamente fracas, uma montagem e desencadeamento de ataque demorados dariam tempo ao inimigo para aumentar o poder de sua organização e orientar com segurança suas reservas, o que faria perder a oportunidade de surpresa — base do ataque da Cavalaria. Concluindo, pode-se afirmar que a potência é a base do ataque da Infantaria e a *surpresa* é a base do ataque da Cavalaria.

e) A surpresa pode ser obtida:

(1) Pela manutenção do segredo:

— dos movimentos durante a montagem da operação;

— do local e momento do ataque.

(2) Pela rapidez:

— aproveitando a mobilidade da arma e, particularmente dos órgãos de comando, para realizar os reconhecimentos prévios, enquanto a tropa ainda estiver se deslocando;

— fazendo com que o final do deslocamento (aproximação) já se realize no dispositivo adotado para o ataque.

(3) Pela segurança da tomada do dispositivo:

— obtida seja pela presença de elementos de segurança da própria unidade lançados à frente, seja pela proteção fornecida pelos elementos já em contato (R Rec Mec).

(4) Pela simplicidade das ordens:

— ordens curtas, verbais, particulares, são normais na Cavalaria. Durante o reconhecimento, o Cmt vai tomando as suas decisões, que são ditadas diretamente aos interessados, enquanto a tropa se desloca. Os comando subordinados, uma vez inteirados do que lhes interessa, iniciam, por sua vez, os reconhecimentos particulares e vão dando também as suas ordens.

(5) Pelo aproveitamento ao máximo da flexibilidade da arma:

— permitindo que as unidades cheguem a cavalo até a última aberta frente aos seus objetivos particulares.

O RC (GT) NO ATAQUE

5 — RECONHECIMENTO DO TERRENO

O reconhecimento do terreno visará ao seguinte:

- determinação da zona de ação atribuída;
- pontos ou zonas ocupadas ou supostas ocupadas pelo inimigo;
- direção marcada para o ataque;
- determinação dos objetivos fixados pelo comandante da divisão e escolha dos objetivos intermediários que forem necessários;
- zonas batidas ou que apresentem possibilidades de o serem, pelos fogos inimigos;
- caminhamentos que se prestam à ação de carros de combate inimigos ou ao desencadeamento de contra-ataques;
- caminhamentos favoráveis, tendo em vista o acesso às posições inimigas;
- limites a estabelecer entre as subunidades;
- localização inicial da base de fogos, de seus alvos, bem assim previsões para o seu deslocamento;
- locais apropriados para a reserva, PC e PO;
- linha de partida.

6 — OBJETIVOS

A escolha do objetivo não é arbitrária; ela resulta de uma série de fatores que assim podem ser resumidos:

a) Para uma unidade como o RC, os objetivos sucessivos são indicados à vista; logo haverá tantos objetivos intermediários quantos forem indicados pela linha do horizonte;

b) O objetivo deve ser escolhido em ponto tal que, pela natureza do terreno, permita intervir daí sobre qualquer parte da posição inimiga, favoreça a desarticulação da defesa e que tenha vistas e possibilidades de fogos sobre as retaguardas;

c) O objetivo deve permitir um rápido aproveitamento do êxito, apresentando caminhos fáceis para a retaguarda ou retaguardas das posições inimigas, facilitando o prosseguimento ou a irradiação;

d) O objetivo deve permitir o apoio da base de fogos, sem mudança de posição, se possível, a fim de reduzir ao mínimo os objetivos intermediários.

7 — DISTRIBUIÇÃO DE FÔRÇAS

a) *Escalão de ataque :*

É o elemento móvel de fogo que conquista o terreno. Sua organização deve ser de forma a, excluídas as partes passivas, poder obter-se uma densidade de 1 GC por 50 metros de frente. Tais dados deverão ser levados em conta mesmo com resistências fracas, para que se obtenha com segurança a potência necessária sem se arriscar a modificações, sempre difíceis após o desencadeamento do ataque, no caso do inimigo se apresentar mais forte do que o previsto. Uma unidade não recebe em princípio uma faixa de terreno correspondente àqueles dados. Em geral, a frente recebida é bem maior.

— Frente de combate: dentro dela, excluídas as partes passivas e aquelas em que se terá apenas vigilância, a unidade seleciona a frente em que vai atacar.

— Frente de ataque: na qual vai procurar obter superioridade de fogos. Na frente de ataque é que devem ser observados os dados citados.

b) *Base de fogos :*

No BC normalmente é constituída pelo Esqd Ptr P, Pel Ac e, muitas vèzes, reforçados pelas armas de elementos em reserva. As tropas já em contato cooperam com seus fogos, à base de fogos prepara a entrada em ação e apóia o escalão de ataque:

— atuando sobre as armas inimigas assinaladas e sobre pontos suspeitos do terreno;

— protegendo os flancos do escalão de ataque;

— acolhendo o escalão de ataque em caso de insucesso;

— acompanhando o desenvolvimento do combate, deslocando-se por escalões, de acôrdo com as instruções do Cel.

c) *Reserva :*

A reserva constitui um dos meios com os quais o Cel alimenta e sustenta a ação do regimento. Em geral, não ultrapassa 1/3 do efetivo total e, isto mesmo, é variável em função do emprêgo que se lhe possa dar.

Normalmente, a reserva pode ser encarregada de:

— substituir, ultrapassar e desbordar elementos do escalão de ataque;

— fazer face às ameaças de flanco;

— aproveitar o êxito ou perseguir o inimigo;

— em caso de insucesso, acolher os elementos do escalão de ataque.

A reserva deve ser localizada próxima da LP, bem móvel, isto é, com seus meios de transporte mais rápidos, de forma a ser empregada

a pé, a cavalo ou transportada. À proporção que o ataque progride, deve ser deslocada para pontos mais avançados de onde fique em melhores condições de, no menor prazo possível, cumprir as missões que lhe têm sido previstas.

8 — ATAQUE PRINCIPAL E SECUNDÁRIO

a) Frequentemente o plano de ataque do regimento compreende um Esqd atacando para conquistar objetivos que produzam resultados decisivos, enquanto que outro facilita a execução desse ataque, fixando o inimigo ou impedindo-o de deslocar sua reserva; o primeiro, executando o ataque principal e, o segundo, o secundário.

Nenhum desses ataques deve ser designado desta forma ou de qualquer outra maneira nas ordens, porque ambos contribuem para alcançar os objetivos do regimento.

b) Em algumas ocasiões, o comandante do regimento não pode determinar inicialmente onde e quando executar o ataque principal. Em tais casos, ataca com igual força ao longo da frente e fica em condições de acentuar o ataque em uma determinada parte da frente.

c) Frequentemente, o desenrolar inesperado da situação pode resultar em tal êxito para o ataque secundário que se torne aconselhável transformá-lo em principal.

9 — DISPOSITIVO

a) Normalmente, o regimento ataca com dois esquadrões de fuzileiros no escalão de ataque e um em reserva, o que permite uma boa potência ao escalão de ataque e ainda a manutenção de uma reserva capaz de fazer face às flutuações do combate. Nessas condições, o regimento pode atacar numa frente de 600 a 700 metros (frente de ataque).

b) Excepcionalmente, o regimento pode atacar com três esquadrões de fuzileiros justapostos, para a conquista de um objetivo limitado em uma frente excessivamente larga.

c) Quando a zona de ação for muito estreita, ou quando a situação do inimigo não estiver bem definida, ou ainda quando o regimento estiver operando em um flanco exposto, o regimento ataca inicialmente com um esquadrão no escalão de ataque.

10 — DIREÇÃO DE ATAQUE

Normalmente, o RC recebe uma direção de ataque que é decomposta em tantas direções quantos os esquadrões do escalão de ataque. As direções de ataque são sempre definidas por pontos notáveis do terreno.

11 — ZONA DE AÇÃO

a) Na repartição das zonas de ação dos esquadrões do escalão de ataque, o comandante do regimento levará em conta a missão que lhes atribuiu, a profundidade do ataque, a potência do apoio de fogos, o terreno e o valor da resistência inimiga.

b) Os pontos designando os limites devem ser acidentes do terreno de fácil identificação.

12 — LINHA DE PARTIDA

a) A linha de partida é a linha a ser transposta na hora "H" e deve ser localizada de maneira a poder ser alcançada a coberto das vistas e dos tiros das armas portáteis do inimigo. Deve ser facilmente identificável no terreno e, na medida do possível, perpendicular ao eixo de ataque.

b) Quando a linha de partida não oferecer as melhores cobertas e abrigos, não será necessário ocupá-la antes do ataque, mas somente ultrapassá-la na hora prescrita.

13 — POSIÇÃO DE ATAQUE

A posição de ataque é a última posição ocupada pelas unidades de ataque antes de transporem a linha de partida; deve ser localizada na última posição coberta e obrigada à retaguarda da linha de partida.

14 — HORA DE ATAQUE

O escalão superior pode ou não fixar a hora de ataque. Quando não fizer, e o RC receber a indicação de atacar logo que possível, cabe ao Cel calcular a hora "H" em função do tempo necessário para que a tropa tome seu dispositivo, ocupe a posição de ataque e transponha a linha de partida (para o RC e o GT o tempo é de 1 hora e 30 minutos).

15 — SEGURANÇA

Quando o regimento ataca com um dos flancos descobertos, a reserva deve ser colocada, de modo a poder fazer face a qualquer ameaça inimiga que se faça sentir sobre esse flanco.

16 — FOGOS DE APOIO

O plano de fogos montado pelo comandante do regimento destina-se a dar o máximo apoio à progressão do escalão de ataque; por isso, a maior parte dos fogos de apoio deve ser dirigida inicialmente contra os objetivos, que, neutralizados, permita a maior progressão daquele escalão.

17 — CAVALOS DE MÃO

Os cavalos de mão devem merecer um cuidado especial do comandante do regimento. Se o terreno o permite são grupados por esquadrões. Devem ser localizados ao abrigo de fogos e vistas do inimigo e protegidos contra a ação da aviação. O movimento dos mesmos para a frente, tão logo seja possível, deve ser previsto, mediante prescrições claras e precisas, a fim de não ser retardada a ação a cavalo, se tal se fizer necessário.

18 — TRENS

Devem ficar próximos das estradas e fora do alcance dos fogos do inimigo.

O ESQD FZO NO ATAQUE

19 — DISPOSITIVO

O Esqd Fzo pode atacar com um, dois ou três pelotões em primeiro escalão, empregando geralmente dois pelotões em primeiro escalão.

20 — ZONA DE AÇÃO

a) Em média, a zona de ação do esquadrão é de 200 a 400 metros, podendo atingir a 600 metros, desde que disponha de metralhadoras em refêrço ou de um apoio de fogos eficientes.

Em uma larga frente, a justa ocupação é alcançada não pela extensão da frente dos pelotões, mas pelo aumento dos intervalos que os separam.

b) Normalmente, a frente designada para um pelotão não deve ser menor que 100 ou maior que 200 metros; no entanto, algumas vezes, as circunstâncias exigem a alteração desses limites.

II — A ARTILHARIA NO ATAQUE

1 — GENERALIDADES

Enquanto na marcha para o combate a Artilharia marcha junto à arma apoiada, constituindo-se em GT ou Destacamento, no ataque o seu emprego é normalmente centralizado. No caso do ataque de Cavalaria ou Blindados, a extensão das frentes das Zonas de Ação, impõe comumente a ação descentralizada, mantendo-se a constituição dos Grupos Táticos.

Ao organizar-se para o combate, um Grupo de Artilharia pode receber uma das seguintes missões:

- Apoio Direto
- Reforço de Fogos
- Ação de Conjunto
- Ação de Conjunto e Reforço de Fogos.

No ataque, não é normal a constituição de Agrupamento-Grupo. Quando a extensão da frente da Zona de Ação obriga o Comandante da Grande Unidade a ter um elemento afastado da parte principal da mesma, e este necessita de apoio de mais de um Grupo de Artilharia, pode ocorrer tal constituição.

2 — MISSÃO

As Unidades de uma Divisão que se encontram em primeiro escalão, via de regra, são apoiadas por Grupos em *Apoio Direto*, que podem ser ou não reforçados com os fogos de outro ou outros Grupos, a critério do Cmt da Grande Unidade, tudo em função da Situação.

Normalmente, cada Gp (105 nas DI e 75 nas DC) orgânico de uma Divisão é colocado em apoio direto ao RI (RC ou RCM) cuja numeração lhe corresponde; quando uma determinada unidade (RI ou RC) permanece em reserva, o Grupo de Artilharia que lhe corresponde poderá ficar na Ação de Conjunto, porém em *condições de apoiar aquela quando empregada* e só eventualmente receberá missão de Ação de Conjunto e Reforço de Fogos a um dos Gp em Apoio Direto.

Em princípio a *Zona de Ação Normal* de um Grupo em Ap Dto coincide com a da Unidade apoiada. A parte da Zona de Ação de um Gp em Ap Dto que excede em largura a da Unidade apoiada é denominada *Zona de Ação Eventual*.

A fixação das Zonas de Ação Eventual, é feita pelo Cmt da Artilharia Divisionária, tendo em vista a manobra da Arma apoiada.

Quando a Zona de Ação do RI (RC) apresenta uma frente larga (caso mais comum na defensiva e particularmente na Cavalaria), a Artilharia que o apóia ou reforça não terá possibilidade de bater em largura, toda a Zona de Ação dessa unidade. Neste caso, caberá ao Cmt da unidade apoiada selecionar as partes da frente que considera mais importantes para sua manobra e indicá-las à Artilharia para batê-las, pelo menos, com a maioria dos meios. Nesta oportunidade, o Cmt da Artilharia deverá alertar o Cmt do RI (RC) sobre as deficiências consequentes das perdas de tempo necessárias às mudanças de frente.

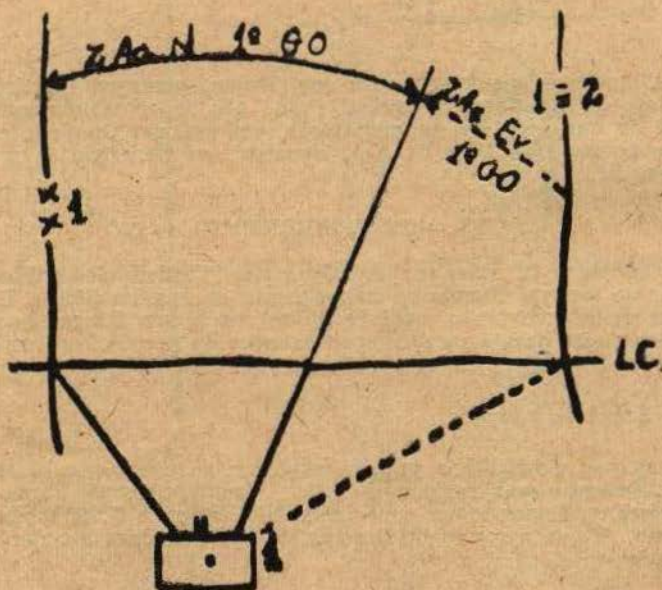
As figuras 1 e 2 elucidam o que foi dito sobre Zonas de Ação, bem como o apoio de um Grupo a uma unidade que está atuando em frente normal e outra em larga frente.

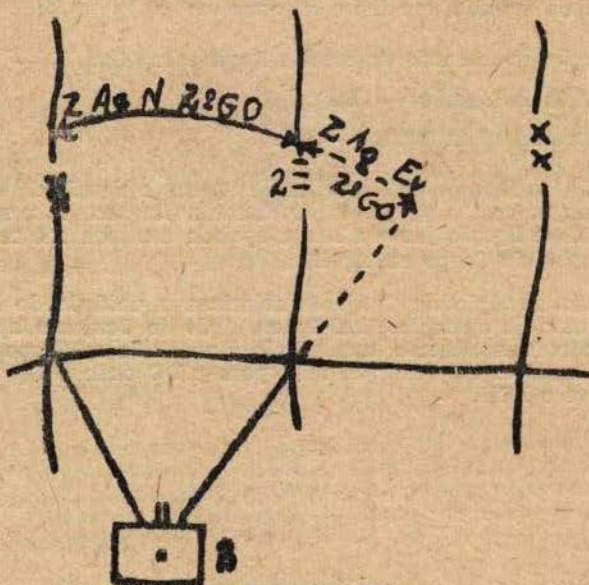
O cumprimento da missão do Ap Dto requer uma íntima ligação com a unidade apoiada, em todos os escalões:

- Ligação de comando no escalão Regimento (Cmt RI — Cmt RC);
- Oficiais de Ligação — (Btl);
- Observadores Avançado — (Cia).

A missão de *Refôrço de Fogos* impõe apenas a ligação do Grupo em refôrço de fogos com o grupo de Artilharia reforçado. A responsabilidade de apoio e ligação junto à Arma apoiada continua sob responsabilidade exclusiva do Grupo em Ap Dto.

A missão de *Ação de Conjunto* relaciona a unidade de Artilharia com o conjunto da operação. Um Gp em Ação de Conjunto apóia a GU como um todo. Normalmente, esta missão é atribuída ao Grupo de maior calibre existente na AD, exceção feita para a DC onde o Gp 105 apóia quase sempre o RCM.





A AD poderá prescrever, para seu Grupos, quaisquer participações que devam ter nos fogos a realizar e que não sejam missão normal, a exemplo do que acontece na preparação, em que um Gp pode receber a missão de atuar na Zona de Ação Eventual, em benefício de sua unidade apoiada.

3 — DESDOBRAMENTO

É o conjunto de ações realizadas por uma Unidade de Artilharia ao se dispor no terreno visando ao cumprimento de missões táticas. Ultimado o seu desdobramento, a unidade diz-se com o seu *Dispositivo Realizado*, isto é, está pronta para cumprir missões de tiro. A hora em que o Dispositivo deve estar realizado é fixada pelo Cmt AD.

a) Áreas de posição :

No ataque, a Artilharia procura explorar, ao máximo, o alcance do material, levando suas posições o mais à frente possível. Como idéia de grandeza, podemos tomar uma faixa de 1.500 m a 3.500 m da linha de contato. É que a região de Procura de Posições deve atender, às seguintes idéias:

- Apoio em toda a profundidade do ataque, se possível, sem mudança de posição;
- Apoio em toda a largura da Zona de Ação da Unidade apoiada, o que nem sempre é possível;
- Posições à retaguarda, no mínimo, da primeira linha de crista, desenfadas aos tiros e à observação inimiga;
- Fácil acesso.

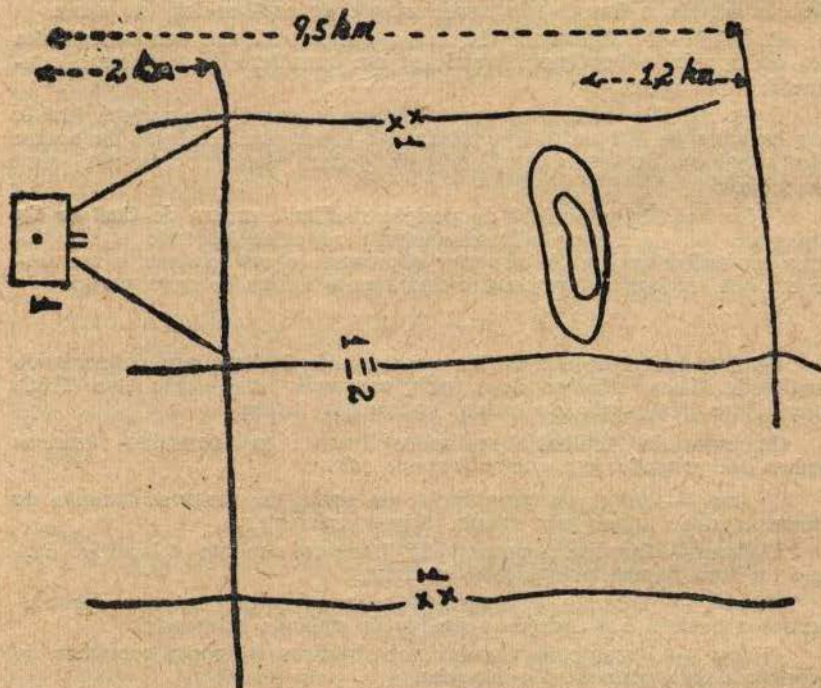
Normalmente, o escalão superior não interfere na escolha das posições dos Grupos de Ap Dto, todavia, em certos casos poderá impor Regiões de Procura. Uma perfeita coordenação com a unidade apoiada deve ser realizada, tendo em vista a localização das reservas e outros elementos.

A AD prescreve regiões para as suas unidades em Ac Cj, o que implica para o Ap Dto não ocupar tais regiões.

O desdobramento dos Gp Ap Dto visa a aproveitar ao máximo o alcance útil do material e retardar os deslocamentos no decurso do combate. O problema do desdobramento da Art em Ap Dto influi na escolha do 1º objetivo da unidade apoiada.

As posições de combate são normalmente ocupadas durante a noite que precede o ataque e em horas e condições fixadas pelo escalão superior, o que implica na execução completa dos reconhecimentos na véspera do ataque. As regulações podem ser feitas na véspera ou imediatamente antes do ataque (de dia ou mesmo de noite) e devem ser executadas de posições de regulação ocupadas por uma só peça por Grupo.

A figura 3 mostra uma posição de um Gp em Ap Dto a um RI que permite um apoio até a conquista de seu objetivo, sem mudança de posição. É que, por seu alcance (9.500 m) êle pode atirar até 1,2 km à



frente do objetivo fixado. Para que um Gp apóie a conquista de um determinado objetivo, deve estar em condições de atuar de 1,0 a 1,5 km a sua frente.

b) Observação :

A continuidade do apoio da Artilharia é conseguida, inicialmente, com lanços de observação e posteriormente com lanços de material.

O sistema de observação de um Grupo de Artilharia comporta:

- uma rede de Observatórios (PO) com vistas em largura e profundidade da Zona de Ação;
- observadores avançados (O Av);
- aviões de observação da Artilharia e, segundo tendência atual, o radar de que serão dotados os Gp.

Um Gp pode instalar com os meios orgânicos até 5 PO, levando em conta as possibilidades de suas 3 Bia. Quando há reforço de fogos, o Gp em Ap Dto poderá lançar mão de sua cooperação.

Os lanços de observação devem ser previamente estudados na carta, em íntima coordenação com o esquema da manobra.

c) *Deslocamentos* :

A mudança de posição para a Artilharia, em si e para o apoio, constitui uma situação crítica, razão por que o menor número possível de lanços de material deve ser executado no decorrer do combate.

Quando o ataque é profundo, todavia, o material terá necessariamente de se deslocar no decurso do combate. Em regra, os lanços não devem ser inferiores à metade do alcance máximo (dado médio igual a 2/3) e o deslocamento para as novas posições é realizado por escalões de bateria, a fim de não haver solução de continuidade no apoio.

Os itinerários de acesso às novas posições devem ser desenhados aos observatórios inimigos, levando-se em consideração também a continuidade do apoio.

O Gp Ap Dto desloca-se por iniciativa de seu Cmt e poderá fazê-lo por escalões de 1-2 ou 2-1 ou ainda 1-1-1 baterias. No caso de contar com o reforço de outro Gp (Agpt-Gp), poderá deslocar seu Gp como um todo.

O Gp Ref Fogos mudará de posição mediante ordem do Cmt do Gp Reforçado ou do comando imediatamente superior, cabendo a este último comunicar ao escalão superior o processo a ser adotado, o momento em que iniciará e terminará a mudança e a área da nova posição.

4 — FOGOS

Na Art, denomina-se FOGO a um conjunto de tiros com determinada finalidade tática. Não se deve, pois, confundir esta noção com TIRO, que é uma designação de ordem puramente técnica.

Os fogos da Artilharia realizados durante as operações ofensivas podem ser grupados em quatro fases, a saber:

1ª fase — Antes da preparação, ou antes do desencadeamento do ataque, quando aquela não existir. Fogos preliminares.

2ª fase — Durante a preparação. Desencadeamento a horário. Duração e hora fixadas pelo escalão superior.

3ª fase — Durante a progressão. Os primeiros minutos desencadeados a horário e os demais a pedido da unidade interessada.

4ª fase — Durante as paradas nos objetivos e após a conquista do objetivo fixado pelo escalão superior.

Algumas vezes, quando o ataque parte de uma posição de contato ou no caso de uma guerra de movimento, é precedido apenas de intensificação dos fogos que já vinham sendo realizados ao invés de preparação.

Ao passo que os fogos realizados durante a preparação são planejados para serem *desencadeados a horário*, os realizados nas demais fases são em princípio *desencadeados a pedido*. Os fogos de apoio, após o de-

sencadeamento do ataque, só dificilmente poderão ser mantidos o horário, particularmente dos de apoio imediato, pela dificuldade de sincronização do horário com o movimento da tropa apoiada. O horário não deve ser empregado senão na fase inicial da progressão.

Os fogos realizados antes do ataque são normalmente executados pelas unidades que já se encontram em posição, porquanto toda a unidade que chega à frente para tomar parte na operação deve, em princípio, ser mantida em silêncio.

De um modo geral, podemos distribuir os fogos realizados pela Artilharia, da maneira abaixo:

a) *Fogos de Apoio*, que são executados em benefício das forças empenhadas no ataque. Podem ser:

(1) *Fogos de Apoio Imediato*, que são executados em proveito direto das unidades em 1º escalão e têm como alvos, as tropas inimigas mais próximas da Linha de Contato que tenham influência direta sobre o ataque da unidade apoiada. São alvos que por sua proximidade constituem séria e imediata ameaça ao desembarcar das tropas apoiadas.

(2) *Fogos de Proteção*:

Fogos executados contra alvos que, embora mais distantes do que os batidos pelos fogos de Apoio Imediato, constituem, ainda, ameaça aos elementos de 1º escalão, interessando principalmente à Grande Unidade em seu conjunto.

Os alvos inimigos, situados a regular distância da Linha de Contato, como Observatórios, Postos de Comando, Centros de Comunicações, Zonas de Reunião, etc., são batidos por fogos de proteção, executados por Grupos de Ação de Conjunto.

Na casa de alvos situados em maiores distâncias, como pontos críticos de passagens obrigatórias. Zonas de Reunião, etc., a execução dos fogos caberá à Artilharia de Corpo de Exército (se houver).

b) *Fogos de Contra Baterias*:

Realizados contra a Artilharia inimiga, com a finalidade de neutralizar ou destruir suas Baterias.

Estes fogos são executados geralmente pela Artilharia de Corpo de Exército, que para tal poderá recorrer aos Grupos Médios da Artilharia Divisionária.

c) *Fogos de Contra Morteiro*:

Executados pela Artilharia Divisionária, empregando os meios disponíveis para bater os morteiros inimigos em suas posições.

5 — PLANEJAMENTOS DE FOGOS

Os fogos das Armas de apoio e em particular os da Artilharia constituem o elemento básico de apoio e exigem planejamento prévio.

O Plano de Fogos de um Grupo em Apoio Direto, baseia-se na missão e na manobra da Unidade apoiada. Na sua elaboração, entrarão também os Grupos que estiverem em Reforço de Fogos.

O Plano de Fogos do Grupo resulta da coordenação dos Planos Provisórios de Apoio aos Batalhões com o Plano Provisório de Apoio ao Regimento. Na Cavalaria, ele é elaborado em coordenação com o Plano de Fogos do Regimento, unidade tática fundamental da Arma.

O Plano de Fogos do Grupo em Apoio Direto, após organizado e aprovado pela Infantaria (Cavalaria), é submetido ao escalão imediatamente superior, que o coordena com os elementos vizinhos.

O Planejamento de fogos tem início logo que o Cmt do Grupo recebe da AD, sua missão e entra em entendimentos com o Cmt da unidade apoiada. O planejamento é simultâneo no Regimento e nos Batalhões.

No Batalhão (Esquadrão), o planejamento é resultado do trabalho conjunto de Oficiais de Ligação — Cmt de Batalhões (Esquadrões).

Neste planejamento há uma troca de informações. Assim:

- O oficial de ligação fornece:
 - Possibilidades e limitações do Grupo.
- O Cmt do Batalhão informa:
 - Localização precisa e provável dos alvos;
 - Localização de seus elementos mais avançados;
 - Dispositivo e Plano de Ataque;
 - Áreas de reunião das Companhias;
 - Regiões difíceis para o ataque;
 - Planos de Fogos das Armas de Apoio e sua coordenação com a Artilharia;
 - Fogos de proteção desejados;
 - Localização do PC do Batalhão.

No Regimento, o planejamento é resultado do trabalho conjunto Cmt Grupo-Cmt Regimento. Na sua elaboração devem ser considerados os seguintes fatores:

- Fogos de Artilharia a realizar antes do ataque;
- Preparação, se houver;
- Localização geral dos alvos, prioridade e duração dos fogos de proteção: PO, PC, etc;
- Fogos julgados necessários, fora da Zona do Regimento apoiado;
- Possibilidades de tiro do Grupo;
- Restrições fixadas pelo escalão superior;
- Localização da Linha de Segurança de Apoio da Artilharia;
- Etc.

Quando o Plano de Fogos de Apoio Direto é remetido à AD, para fins de coordenação e aprovação, são feitos os pedidos adicionais de fogos.

A coordenação do apoio de fogo é da responsabilidade do Comando, todavia o Oficial de Artilharia, no escalão considerado é o responsável pelo planejamento e coordenação deste apoio, trabalhando segundo as ordens, normas e prioridades estabelecidas por aquela autoridade.

O Cmt do Grupo em Apoio Direto a um RI (RC) estabelece, junto ao PC do seu Grupo e nas vizinhanças imediatas do PC da Unidade apoiada, um "Centro de Coordenação de Apoio de Fogo (CCAF)" que lhe permite fazer para o Regimento, coordenação do apoio disponível.

O CCAF coordena todo o apoio imediato de fogo: artilharia, naval e aéreo, de que a unidade possa dispor. Não coordena, todavia, o fogo das armas orgânicas da unidade apoiada, porém executa a coordenação do plano de fogo da unidade apoiada, com o fogo das armas não orgânicas.

A função precípua do CCAF é a coordenação do trabalho dos representantes da Artilharia, da Marinha e da Aeronáutica na elaboração dos planos de apoio de fogo.